

SIA - CRUZ

PMS	PM	GERIN
BIBLIOTHECA		
Jornal		
A Tarde		
Data 23/03/02		
Caderno	Local	4
Seção		
Assunto		
Bairro		

Santa Cruz dispensa a fama de violento



RECLAMAÇÃO Comunidade vê sério problema na deficiência do transporte

NIKAS ROCHA

Localizado entre o Nordeste de Amaralina, Vale das Pedrinhas e a Chapada do Rio Vermelho, o bairro da Santa Cruz teve um vertiginoso crescimento em sua população a partir da década de 70, chegando a 70 mil habitantes. A pequena quantidade de casas deu lugar a numerosos loteamentos e ocupação de terras por invasões. O crescimento desordenado, com a presença de uma população de baixa renda e sem escolaridade, resultou em diversos problemas, como a falta de infra-estrutura urbana e o constante convívio com o clima de violência.

O presidente da Associação de Moradores União de Santa Cruz, Evaldo Batista de Almeida, 60 anos, 31 dos quais no bairro, afirma que a população local atua para transformar a imagem de que o bairro é violento. Para isso, destaca que desenvolve trabalhos culturais nas escolas, com grupos de dança, capoeira, e também na área esportiva. Também são realizadas festas populares e gincanas com a participação de adultos para estimular o espírito de boa vizinhança.

O principal foco de violência no bairro, segundo o dirigente da entidade, ainda é a rixa entre grupos rivais e até de gangues ligadas ao tráfico de drogas. "Eles brigam entre si e às vezes estoura um tiroteio, mas não há ata-

ques contra os moradores", diz ele. No ano passado, um tiroteio entre um desses grupos e a Polícia Militar terminou com a morte do estudante da Escola União de Santa Cruz Fernando Teodoro da Silva, de 13 anos. A escola comunitária tem 780 alunos e funciona em convênio com o governo estadual. A morte do menor comoveu a comunidade, que realizou uma passeata pela paz com a participação de mais de quatro mil pessoas.

A delegada titular da 7ª Delegacia de Polícia, que atua no bairro, Marita Silva de Souza, confirma que a rivalidade entre moradores de diversas ruas tem provocado conflitos entre eles. "Existe uma disputa por territórios", explica a delegada, acrescentando, no entanto, que o índice de violência na Santa Cruz não é alto. Este ano, a delegacia registrou um homicídio no bairro, o que em relação ao ano passado significou uma redução dos crimes deste tipo, informou a delegada. Além da rixa entre grupos rivais, o comandante da 40ª Companhia Independente, major Humberto Sturaro, aponta os furtos contra transeuntes, que são frequentes. Já os índices de assaltos contra casas comerciais são baixíssimos, segundo ele, acrescentando que a violência local é compatível com os problemas sociais da área.

Posto de saúde

Mas as queixas dos moradores não ficam somente na área da segurança pública. Os setores de transporte urbano e saúde também são apontados pelo presidente da associação de moradores como deficientes. O bairro é servido pelas empresas Ondina e Verdemar com seis linhas de ônibus, mas Evaldo Batista afirma que em algumas linhas, como a da Calçada, os usuários esperam até uma hora e meia para viajar. Os moradores reivindicam mais três linhas, para o Aeroporto, Pau da Lima e Es-



Desiludidos quanto às promessas de melhorias, moradores convivem com o lixo e o abandono

tação Pirajá, mas, segundo ele, a prefeitura diz que a área do fim de linha não comporta mais veículos. "O bairro tem mais espaços que podem ser utilizados", argumenta ele.

O funcionamento do posto municipal de saúde deixa a desejar, segundo Evaldo Batista. Apesar de destacar a atuação dos agentes comunitários, afirma que faltam médicos e remédios. A ambulância do posto foi retirada e os pacientes em situação de emergência, inclusive gestantes, precisam pagar táxi ou carro particular para se deslocarem até um hospital. O presidente da associação diz que a Secretaria Municipal da Saúde não dá apoio aos agentes comunitários, citando o exemplo de que há um ano e meio foram solicitadas cadeiras para a sala deles e até o momento não foram compradas.

Mas a área de educação melhorou, segundo Evaldo. Exis-



tem três escolas municipais que garantem o ensino fundamental, fora uma grande quantidade de particulares. No entanto, sente-se a falta de um colégio de 2º grau, pois os alunos do bairro

têm que se deslocar até o Colégio Carlos Santana II, no Nordeste de Amaralina. "Jovens foram assaltadas e estupradas andando à noite para o colégio", disse o dirigente da entidade.

À espera da escritura

O bairro surgiu nas terras de uma fazenda que tinha o nome de Santa Cruz. Nela, os donos tinham plantações de milho, feijão e banana, ao lado de dendezeiros, que eram utilizados para extrair, no próprio local, o famoso óleo de dendê. Na área também existia um grande cruzeiro de madeira que simbolizava o nome da extensa propriedade. Até a década de 60 ainda havia vestígios da antiga fazenda, mas foram sumindo na década de 70, a partir da expansão do Nordeste de Amaralina.

Com 31 anos de moradia no bairro, Evaldo Batista lembra que a ocupação ocorreu através da venda de lotes pela herdeira da propriedade, embora os rendeiros também ficassem com parte das terras. A chegada dos primeiros moradores despertou a atenção da cidade para a boa área de moradia, perto da orla marítima. Logo eram os sem-teto que iniciavam diversas invasões de terras. Atualmente, destacam-se duas: a da Nova República, próxima ao Parque da Cidade, e a Sete de Abril.

A prefeitura desapropriou a área do bairro em 1981 e começará este ano, segundo Evaldo Batista, a conceder escrituras aos moradores. "Poucos têm as escrituras dos terrenos de suas casas, apesar da luta de 21 anos", assinala o morador.

Na área da infra-estrutura urbana, a prefeitura realizou serviços de recuperação de escadarias, passeios e recapeamento asfáltico, beneficiando diversas ruas. Mas na invasão da Nova República, o presidente da associação de moradores, critica a Conder pelo abandono do programa Viver Melhor, inclusive da construção de uma padaria comunitária. Como exemplo, mostrou um poste de iluminação pública aterrado que está na altura de três metros do chão, colocando em risco a vida de crianças, que podem subir no poste e receber um choque elétrico.

Foto: Geraldo Ataíde

Editoria de Arte/A TARDE